



**DE 'APRENDIZ DE ANTROPÓLOGA' A "TIA": UM BREVE DIÁLOGO EM SALA  
DE AULA COM ENEIDA DE MORAES**

***From 'apprentice to Anthropologist' to "aunt": a brief dialogue in the  
classroom with Eneida de Moraes***

Ma. Carla Figueiredo Marinho Saldanha  
Doutoranda em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia –  
PPGSA da Universidade Federal do Pará - UFPA  
Email: [marinhocarla83@gmail.com](mailto:marinhocarla83@gmail.com)

**Áltera**, João Pessoa, v. 2, n. 9, p. 20-36, jul./dez. 2019

ISSN 2447-9837

### **RESUMO:**

O presente texto é resultado da experiência que vivenciei enquanto professora de redação para alunos do Ensino Fundamental II, em uma rede educacional e confessional na cidade de Belém, Pará, em 2012 e 2013. Embora essa experiência não esteja atrelada a um projeto de extensão universitária, entendo-a como uma ação “extramuros”, uma vez que busquei trazer para ‘minha’ sala de aula discussões das ciências sociais e áreas afins, como um recorte regional. A dupla habilitação em Ciências Sociais e Letras me possibilitou maior destreza no momento de elencar textos de autores paraenses para serem lidos pelos alunos. Neste relato destaco a oportunidade de trabalhar com os textos da escritora, jornalista, militante do Partido Comunista e carnavalesca – Eneida de Moraes. A experiência conduziu os alunos em leituras para além da estética textual, uma vez que as obras escolhidas despertaram novas narrativas memorialistas, que sutilmente dialogaram com os teóricos das Ciências Sociais. Além disso, tratou-se de uma oportunidade ímpar de dar visibilidade à rica produção literária paraense a um público que dificilmente teria acesso.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Literatura. leitura. Eneida de Moraes. ensino.

### **ABSTRACT:**

The present text is the result of the experience that I experienced as a writing teacher for elementary school students in an educational and denominational network in the city of Belém, Pará, in 2012 and 2013. Although this experience isn't tied to a university extension project, I understand it as an “associayed” action, since I have tried to bring to the classroom my social science and related areas discussions, with a regional cut. The dual habilitation in Social Sciences and Letters allowed me greater dexterity in the moment of listing texts of Pará authors to be read by the students. In this report I highlight the opportunity to work with the texts of the writer, journalist, militant of Communist Party and carnival – Eneida de Moraes. The experiment led the students to read beyond the textual aesthetics, since the chosen works aroused other memorialistic narratives, which subtly dialogued with social science theorists. In addition, it was an unparalleled opportunity to give visibility to the rich literary production of Pará to an audience that would hardly have access.

### **KEYWORDS:**

Literature. reading. Eneida de Moraes. teaching.



O presente texto consiste em um relato, no qual comento a vivência que tive enquanto professora de redação para alunos do Ensino Fundamental II, em uma rede educacional e confessional na cidade de Belém, Pará, em 2012 e 2013. (Re)-pensar minha atividade docente é realizar não só um deslocamento espacial e temporal, mas também manter acesa a chama de minhas duas grandes paixões – a Antropologia e a Literatura. Mas voltemos para os anos de 2012 e 2013, quando minha maior preocupação enquanto professora – “tia”, como chamam os alunos – era tornar as aulas de redação atrativas, despertando o interesse por leitura e escrita e, principalmente, a curiosidade e a investigação para ir além das informações contidas nos textos e das suas características estéticas.

Embora minha experiência não esteja atrelada a um projeto de extensão universitária, entendo-a como uma ação “extramuros”, uma vez que busquei trazer para sala de aula discussões das ciências sociais e áreas afins com o recorte regional. A dupla habilitação em Ciências Sociais e Letras me possibilitou maior destreza para elencar os textos de autores paraenses, entre os quais Dalcídio Jurandir, Bruno de Menezes, Inglês de Souza e Eneida de Moraes. No caso, o recorte regional pretendeu revelar aos alunos a existência de uma larga produção literária no/do Pará.

Neste relato destaco a experiência o trabalho com textos da escritora, jornalista, militante do Partido Comunista e carnavalesca Eneida de Moraes (1904-1971). Essa escolha se justifica enquanto ato político que busca dar visibilidade à produção intelectual de uma das maiores escritoras do estado.

Ao longo do percurso me deparei com o difícil acesso às suas obras, o que exigiu de minha parte a digitação de cada um dos textos aos alunos.

Realizou-se, então, uma leitura para além da estética, centrada não só nas ‘regras’ que classificam o gênero textual, mas também na possibilidade de estabelecer intertextualidades ao despertarem outras narrativas memorialísticas, que sutilmente possibilitaram fazer uso de teorias das Ciências Sociais para direcionar os debates realizados em sala de aula.



## A SALA DE AULA

Adentraremos duas salas de aula em tempos diferentes: a primeira nos anos de 2009 a 2011, e a segunda no período de 2012 a 2013, para melhor compreendermos a proposta pedagógica das aulas de redação que ministrava. O primeiro período marca minha formação no curso de Letras, que realizei em uma instituição particular no período da noite, ou seja, após sair do trabalho. De dia ministrava a disciplina de Sociologia: concluído a graduação em Ciências Sociais no ano de 2006, desde 2005 já estava em sala de aula.

Acredito ser importante destacar minha formação em Letras por ter sido nesse curso que me dei conta da riqueza dos textos literários para outro tipo de leitura – a socioantropológica – que havia aprendido na graduação de Ciências Sociais, embora não tivesse ainda argumentação teórica que me possibilitasse fazer desses textos literários – um campo de trabalho antropológico. Ao escrever sobre esse percurso, de imediato os fragmentos de memória começam a emergir: Vejo meu professor de Literatura Brasileira II selecionando a obra de Aluísio de Azevedo, – “O Cortiço” – (1890), para que eu a apresentasse, destacando seus aspectos sociais – eis onde tudo começou.

O olhar direcionado, que fora treinado durante o período da graduação em Ciências Sociais, me auxiliou a ir além das análises de crítica literária. Passei a me dar conta de que, ao decorrer da leitura das diferentes narrativas, me sentia lendo etnografias, algumas mais refinadas, outras nem tanto; porém todas traziam marcas do pensamento social do período em que foram escritas. Minha paixão cresceu ao ponto de dar ênfase em Literatura, no curso de Letras.

Vamos, então, à segunda sala de aula. Pertenci ao corpo docente da Escola Adventista da Marambaia, localizada no bairro homônimo, durante sete anos. Porém, para estas reflexões estabeleço o recorte temporal de 2012 e 2013, por terem sido os anos em que ministrei a disciplina de Redação para seis turmas. Eram três de 6º ano – duas no período matutino (51 e 52) e uma no vespertino (53) – três turmas de 7º ano – duas no período matutino (61 e 62) e uma no período vespertino (63).

A referida Escola é cercada por um número considerável de conjuntos resi-



denciais e pontos comerciais, assim por outras escolas e colégios públicos e privados. Sua localização é privilegiada por ser próxima à avenida mais movimentada de Belém, que inclusive dá acesso à saída da cidade. Outro aspecto importante é que, em anexo ao prédio da escola, fica uma igreja, o que é uma característica marcante dos estabelecimentos de ensino da Rede Adventista em Belém. Na verdade, as escolas são construídas dentro dos terrenos das igrejas; porém, embora façam parte da mesma denominação religiosa, cada qual tem administração própria.

Quanto aos alunos, embora não tenha quantificado na época, era nítido que a maioria residia no entorno da escola ou em bairros vizinhos. O fluxo de carros particulares e vans escolares nos horários de entrada e saída eram intensos. Poucos eram os alunos que faziam uso de transporte coletivo, e esses se concentravam mais à tarde, por ser o turno que agregava os alunos bolsistas, logo, que tinham menor poder aquisitivo.

Agora convido-os a adentrarem – “minha” – sala de aula. As aulas de redação dispunham de dois horários (50 minutos hora aula). Como quase sempre os horários eram quebrados, as aulas ocorriam em dias diferentes. Nos anos de 2012 e 2013 a Rede Adventista não disponibilizou livro didático específico para a disciplina de Redação, o que me deu a oportunidade de selecionar os conteúdos a serem trabalhados. Devo confessar que, embora a ideia me parecesse empolgante, não fazia ideia do trabalho que teria, não só para elaborar um planejamento anual, mas principalmente para disponibilizar os textos.

Diante do desafio e levando em consideração o tempo de aula, o material disponível, e principalmente, a faixa etária dos alunos, elenquei os seguintes gêneros textuais: conto, crônica e romance regional de cunho memorialista. Outros gêneros como: charges, HQ's e cartas incluídas no livro de Língua Portuguesa, optei por trabalhar nas aulas da respectiva matéria, uma vez que estavam interligados aos conteúdos gramaticais correspondentes a cada série.

Após ter selecionados os gêneros textuais, me debrucei na seleção dos autores, e uma inquietação antiga me dominou: a invisibilidade da produção literária paraense. Estava diante da oportunidade de apresentar aos meus futuros alunos as obras de grandes literatas e literatos do nosso estado, que são pouco conhecidas



pelos próprios paraenses, talvez por questões do cânone literário, que mais valoriza a divulgação da produção literária nas Regiões Sudeste e Sul do país. Ainda, é importante salientar que essa invisibilidade não se dá ou dava apenas por uma questão geográfica, mas também pesavam sobre ela fatores como gênero, classe e raça (MURZART, 2016).

Selecionei, então, quatro autores para os dois anos: Inglês de Sousa<sup>1</sup>, Bruno de Menezes<sup>2</sup>, Eneida de Moraes<sup>3</sup> e Dalcídio Jurandir<sup>4</sup> - todos escritores de grande importância, não só para a literatura paraense, mas brasileira. Como não poderia solicitar exemplares das obras para os alunos e era difícil o acesso a algumas delas, precisei digitar cada texto, preservando sua forma original, o que me permitia pontuar nas aulas a dinamicidade da própria língua.

## O TEXTO LITERÁRIO

Neste tópico, convido-os a refletirmos, ainda que brevemente, sobre o “fazer etnográfico”, enfatizando como o “campo antropológico” pode ser vivenciado nas páginas de um texto literário, uma vez que, desde os clássicos da Antropologia, temos

---

<sup>1</sup> Originário do município de Óbidos, Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918), foi escritor, jurista e político. Sendo filho de uma família tradicional paraense, sai do estado para dar continuidade aos estudos. Aos onze anos é mandado como aluno interno para o Maranhão, mas conclui seus estudos no Rio de Janeiro. Cursa Direito em Recife, ingressando na Faculdade de Direito, no ano de 1872; após concluir a graduação fixa residência em São Paulo.

<sup>2</sup> Nascido no bairro do Jurunas, em Belém do Pará, Bruno de Menezes (1893-1963) cursou somente o primário, na Escola Estadual Érico Veríssimo, oriundo de família pobre, ainda menino começou a trabalhar. A profissão? Encadernador: o ofício lhe colocara constantemente em contato com muitos livros, o que de certa forma contribuiu para que seu interesse e gosto pela leitura crescessem. Bruno de Menezes teve importante atuação no cenário político e literário belemense. Fundou dois grupos: primeiramente “Os Vândalos do Apocalipse”, e segundo “Peixe Frito”, o qual o escritor e jornalista paraense Dalcídio Jurandir fez parte.

<sup>3</sup> Escritora, jornalista, militante do partido comunista e carnavalesca Eneida de Moraes afrontou aquilo que se esperava de uma mulher em sua época. Eneida desde muito cedo tivera contato com a literatura: sua mãe, D. Júlia, possuía uma riquíssima biblioteca e incentivava a filha a ler livros que despertassem o senso crítico, como Victor Hugo, de quem passou a admirar a rebeldia contra os poderosos; Máximo Gorki, do qual lera os nove volumes da *Antologia de Contos Russo*. (SANTOS, 2009, pág. 21) Aos 8 anos ganha seu primeiro prêmio literário, o que resultou na sua ida para o Colégio Sion; em sistema de internato permaneceu lá até os 15 anos.

<sup>4</sup> Romancista e jornalista, nasceu na Ilha do Marajó, no município de Ponta de Pedras, no ano de 1909. Aos treze anos fixou residência em Belém para estudar, mas em 1928 abandona os estudos e passa a residir na cidade do Rio de Janeiro. Seu primeiro emprego ali fora como lavador de pratos, em seguida, atuou como revisor da revista feminina *Fon-fon*.



registros de diálogos e analogias com obras literárias<sup>5</sup>.

Como já mencionei, minha experiência docente possibilitou unir duas grandes paixões – a Antropologia e a Literatura. Nessa união, a leitura de cada texto literário me dava, como ainda me dá, a sensação de estar em campo. Mas o fazer etnográfico propriamente dito suscitava uma série de questionamentos que perduram ao longo de minhas leituras até hoje. Inicialmente, estava habituada à ideia de que fazer campo exige do pesquisador, o “*estar lá*” (GEERTZ, 2005), o deslocamento físico. Na citação abaixo, a antropóloga Mariza Peirano (2014) nos fala exatamente o contrário, uma vez que hoje podemos exercemos o duplo papel de “nativos/etnógrafos”:

Hoje que abandonamos as grandes travessias para ilhas isoladas e exóticas, da potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar por que alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem. E é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas nativos/etnógrafos (PEIRANO, 2014, p.379).

Peirano (2014) pontua que não necessariamente nossas pesquisas devam ocorrer em locais que exijam vencer grandes distâncias geográficas, com as intempéries e os exotismos que desafiaram nossos ancestrais antropólogos. Durante o exercício hermenêutico, desde os clássicos até hoje, percebemos que procedemos a uma “invariável bricolagem”; que a “antropologia é o resultado de uma permanente recombinação intelectual” (PEIRANO, 2014, p. 382).

Pensando sobre as etapas da formulação teórico-etnográfica, lembrei-me de Hans-George Gadamer (2002) e seu livro *Verdade e Método II*, que chama atenção para importância da linguagem, entendida pelo autor como sendo a casa do “Ser”, uma aventura, pois tem questões, mas não as respostas. O diálogo então estabelecido a partir da linguagem transforma a ambos (autor/leitor) segundo Gadamer. Logo, o autor nos leva a entender que nesse processo de compreensão do outro passamos, enquanto leitores dos sujeitos sociais, pela experiência hermenêutica de compreensão de nós mesmo (GADAMER, 2002). Pois quando leio o texto, adentro em um círculo de experiências que é desconhecido. Mesmo tendo o olhar etnográfico orientado por outros diálogos clássicos que estão para além das fronteiras temporais e geográficas.

---

<sup>5</sup> Malinowski (1884-1942) declarou que sua ambição intelectual era de ser o Conrad da antropologia. O escritor polonês Joseph Conrad (1857-1924) tem enquanto característica de sua escrita para além dos enredos, mas permite ao seu leitor explorar as idiossincrasias do ser humano.



ficas, o exercício de formulação teórico-metodológica 'abala' nosso estilo de vida, enquanto pesquisadores (PEIRANO, 2014).

O antropólogo Clifford Geertz (1978) ressalta que tanto o texto etnográfico quanto as obras de ficção resultam de uma construção por parte do autor, que o modela de acordo com o seu pensamento. No caso do texto etnográfico, ele é orientado por conceitos e teorias, como explica Geertz:

[...] são interpretações e, na verdade de segunda ou terceira mão [...] Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são 'algo construído', 'algo modelado' – o sentido original de *fictio* – não que sejam falsas, não-factuais ou apenas experimentos de pensamento". (GEERTZ, 1978, p.25-6)

Portanto, entendo as obras de ficção como um campo etnográfico. Na perspectiva hermenêutica de Dilthey, os literatos têm a capacidade de construir "tipos ideais"<sup>6</sup>, que estão presentes no cotidiano vivido do autor e do leitor, como os personagens de Molière (MAUÉS, 2007). E aqui destaco sua peça teatral "Tartufo", na qual faz uma crítica à hipocrisia, aos devotos e em especial aos manipuladores conscientes do poder.

Ainda sobre a importância dessa interface das áreas, assinalo o ano de 1973, quando o sociólogo francês Roger Bastide e sua esposa estiveram em Belém e foram recebidos pelo casal de antropólogos, Raymundo Heraldo Maués e Maria Angelica Motta-Maués. Segundo Heraldo Maués (2007) o pesquisador deixou preciosas lições, dentre as quais destaco a referida abaixo:

Nesses dias de convivência com Bastide, que aprendemos muitíssimo, uma das lições mais importantes foi esta: ele nos falava sobre a importância da literatura chamada de ficção para o conhecimento sociológico, dizendo que costumava indicar, a seus alunos e orientandos, romances de grandes autores, que considerava às vezes mais instrutivo do que famosos tratados científicos (MAUÉS, 2007, p.176).

Essa compreensão teórico-metodológica, da forma como foi aqui apresentada, só me foi possível ao longo das disciplinas cursadas no mestrado e no doutorado, o que, de certa forma, penso ser reflexo de uma deficiência na formação acadêmica de graduação. Não me refiro a uma disciplina que contemplasse a interface entre Antropologia e Literatura, mas a oportunidades de despertar a sensibilidade para além

---

<sup>6</sup> É importante mencionar que posteriormente Max Weber desenvolve o seu conceito sociológico de "tipos ideais" no mesmo sentido usado por Dilthey. (MAUÉS, 2007, p.155)



das teorias e conceitos, percebendo possibilidades outras por meio dos textos literários. Foi como fez Florestan Fernandes (2006) em sua pesquisa de doutoramento, publicada com o título *A função social da guerra Tupinambá (1952)*. Nas palavras do antropólogo Roque de Barros Laraia:

A sua minuciosa análise comparativa das informações dos cronistas torna possível ao leitor a compreensão do ritual e, principalmente, entender por que a vítima conhecia como devia agir em um tão complexo cerimonial, no qual tem que demonstrar coragem [...] Florestan não se limitou, neste livro, a uma explicação sociológica da guerra apenas entre os tupinambá. Mais do que isso, buscou dar uma explicação geral para a teoria sociológica da guerra.

A proposta de Florestan Fernandes fora audaciosa; seu objetivo, que acredito ter sido muito mais um desafio, fora alcançado: o de “realizar uma obra comparável com as feitas na Europa”, como mencionou em entrevista consentida a Mariza Peirano no ano de 1981 (LARAIA, 2006, p.13).

Finalmente, convido-os agora a adentarmos os textos literários usados em sala de aula. Embora possa parecer contraditório, neste momento me sinto como Malinowski ao ver sua embarcação se distanciando da praia.

## O TEXTO LITERÁRIO E A SALA DE AULA

Quando entro a sala, duas habilidades, pelo menos, são postas à prova: a didática e a antropológica. Tentei combiná-las ao abordar a obra *“Aruanda e Banho de Cheiro”* (1989), da única escritora que trabalhei em sala de aula, Eneida de Moraes. Dessa obra, selecionei a crônica *“Companheiras”* para uma aula na turma de alunos do 7º ano, que tinham entre 12 e 13 anos.

A dinâmica para a aula contou com a parceria do professor de Artes que, em paralelo, trabalhou com os alunos sobre a Semana de Arte Moderna de 1922. Esse evento antecedeu em menos de uma década o enredo da crônica, de Eneida de Moraes. Por oposição, o trabalho sobre a Semana de Arte Moderna colocou em evidência as mudanças ocorridas no cenário artístico e literário anos mais tarde, com o sombrio fascismo que instaurou durante o Estado Novo.



As aulas seguiam uma ordem, na qual buscava despertar nos alunos o interesse em conhecer não só a obra, mas também o autor, e na aula em questão, a autora. Após ter trabalhado com eles as características de uma crônica, pedi que pesquisassem para aula seguinte curiosidades sobre a vida e obra de Eneida de Moraes, e que perguntassem informalmente a seus parentes se já tinham lido alguma obra da escritora.

É interessante recordar as respostas que me trouxeram. Uma aluna mencionou que um familiar havia dito que quase não tinha produção literária em Belém, o que mais uma vez confirmava a hipótese da invisibilidade das obras locais. Sua fala foi ganhando força com a confirmação dos demais colegas, que inclusive questionaram a dificuldade em encontrarem informações sobre a autora. Mas quem foi Eneida de Moraes? Jornalista, escritora, comunista, o que é isso Tia?

Cabia a mim responder, não com uma resposta seca e direta, mas a partir da construção de uma narrativa biográfica de uma escritora que permaneceu no anonimato por toda a minha formação escolar e acadêmica. Assim como eles, eu também realizava a tarefa para casa. Nesse momento de troca, acredito que essa se construía portanto coletivamente. Embora as fontes fossem poucas, conseguimos construir oralmente a trajetória de Eneida de Moraes, e, com o auxílio do quadro branco, traçar uma sequência temporal de sua vida e obra, a qual, ainda que cheia de lacunas, nos possibilitou um breve panorama. Mas, vamos conhecer um pouco sobre Eneida...

Eneida de Villas Boas Costa de Moraes nasceu em Belém no dia 23 de outubro de 1904. Filha do Comandante Guilherme e de Dona Júlia, recebeu de presente antes de nascer, um palacete, o local escolhido pelo pai para o parto de sua primeira filha. Sua mãe fora professora antes de casar, o que, de certa forma, influenciou a filha ao gosto da leitura. Tendo à sua disposição, na biblioteca da mãe, grandes clássicos da literatura russa como Máximo Gorki, Eneida aos oito anos já cometera seu primeiro ato de ousadia, ganhando o prêmio na Revista *Tico-Tico* com um conto de sua autoria (MARINHO, 2016).

As consequências logo vieram, e ela foi mandada pelos pais para o Colégio Sion, em Petrópolis, Rio de Janeiro. Segundo os pais, a medida para apagar a vaidade que despertara em Eneida ao receber o prêmio. Aos 15 anos ela regressou para Be-



lém, onde Dona Júlia, vítima da gripe espanhola, veio a falecer, deixando-a sem mãe e melhor amiga. Responsável agora por seus três irmãos, Eneida passa ter problemas como o pai e busca emancipação.

Nessa época, resolveu cursar Odontologia, mesmo tendo vertigem diante de sangue, pois somente assim conseguiria uma vaga na Marinha Mercante. Para sua infelicidade, seu pedido é negado, uma vez que, segundo o comandante, a Marinha não era um espaço para mulheres. Em paralelo, Eneida secretariava a revista *A Sema-na*, na qual publicou seus textos em versos, assinados pelo pseudônimo de Miss Fidelidade (SANTOS, 2009). Ainda buscando se desvencilhar da sujeição ao pai, decidiu se casar, e então caiu na tutela do marido, Genaro Bayma de Moraes, com quem teve dois filhos – Léa e Otávio.

Eneida quebra a imagem esperada de uma mulher pertencente à elite paraense – o que nos faz lembrar o famoso enunciado de Simone de Beauvoir: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Ela, apesar do casamento e da maternidade, retorna às atividades jornalísticas e literárias, o que não era visto com bons olhos. Tão pouco o era seu repertório de leitura sociopolítica – *História da Revolução Russa* de Gorki; *A Comuna de Paris*, de Trostky; *O leiteiro e o proletariado*, de Kanapa; e *A História do Partido Bolchevique*, George Cogniot – considerado inapropriado para uma mulher casada (SANTOS, 2009).

É fator de “depreciação” da mulher, a ousadia que demonstre ao assumir comportamentos incompatíveis com o retrato esperado. O cotidiano da mulher dessa época que já atingiu o casamento [...] Proíbem-se determinadas leituras de romance onde o tema possa influir na manifestação de comportamento contrário às normas assépticas da “virgem esposa” e “mãe honesta.” (ÁLVARES, 1990, p.325)

A atuação profissional, a militância política e os apelos à emancipação feminina contribuíram para o fim do casamento que já estava desgastado. Decidida e consciente de que, ao romper os laços familiares, pagaria um preço alto – como a separação dos filhos –, em novembro de 1930, Eneida parte para o Rio de Janeiro. Segundo Adriano Guimarães, conhecida figura da elite belemense dos meados do século XX, às mulheres transgressoras, cabia-lhes embarcar para o Rio de Janeiro sem bilhete de retorno (apud ÁLVARES, 1990).



Mas, para além do preconceito e do próprio destino designado pela sociedade às mulheres, não podemos deixar de destacar o que a própria Eneida diz sobre sua escolha:

O casamento não dera certo, infelizmente. Agora sentia o dever de baixar uma cortina, gesto que aprendi sozinha. Até hoje, quando sinto e sei que aquela situação em que estou vivendo ou aquela atitude que estou tomando é errada, ordeno a mim mesma: fecha a cortina, baixa a cortina. Cortina fechada, a ordem é recomeçar. Foi assim que em plena mocidade, mas já com muita experiência da vida, conhecedora do valor de todas as coisas, cheguei ao Rio de Janeiro (ENEIDA, 1989, p. 272-3).

Mas repito: mansa nunca fui. Nem humilde nem me deixando humilhar. Não houve nenhuma grandeza no que fiz na vida: adquirir uma ideologia. Tracei friamente meu caminho e fui por êle (sic), certa de estar certa. Benditos sejam Marx, Engels, Lenine e até o pobre do Stalin (ENEIDA, 1969, *apud* SANTOS, 2009, p.98).

No Rio de Janeiro, Eneida passou a frequentar o Restaurante Reis com um grupo de jovens intelectuais – que já conheciam sua produção como escritora – para discutirem um programa de estudos sobre o marxismo. Dentre as primeiras leituras programadas estavam informações biográficas e narrativas sobre Marx e Engels. Inicialmente, a leitura mostrou-se agradável, porém, quando Eneida debruçou-se sobre a análise filosófico-político-social, sentiu-se perdida. Nise da Silveira, que ficou conhecida no cenário carioca como a “dama do inconsciente”, recém-formada em medicina e residente no Hospital da Praia Vermelha, organizou novo programa de leitura que permitisse a compreensão da nova integrante do grupo.

Toda minha formação era apenas literária. E foi ela, com suas mãos que jamais deixei de abençoar, com sua cabeça hoje toda branca de cientista, quem me traçou um programa de leitura. Tens de ler lentamente, não como se estivesse lendo, mas principalmente estudando; quando não entenderes tomarás nota; nós te explicaremos as dúvidas (ENEIDA, 1989, p.274).

Aquele grupo que se reunia todas as noites para jantar no Reis – quem já esqueceu o Restaurante Reis, que teve parte tão ativa na vida intelectual da cidade em certa época? Os môços de ontem, aqueles môços recém-formados alguns, ainda estudantes outros, todos inteligentíssimos, tomaram-me sob sua proteção. Inicialmente passei por um verdadeiro exame de conhecimentos. Foram experimentados meus sentimentos. Tudo eu sentia e afirmava na certeza de que eram amigos, preocupados em me tornar uma pessoa útil. Começaram a gostar de mim. Precisas estudar marxismo, falou um, os outros apoiaram e daquela companhia diária foi nascendo em mim a curiosidade que depois tornou-se amor, pela ideologia comunista (ENEIDA, 1989, p.273).



Foi em contato com esse grupo que “a escritora que veio do Pará”, como era chamada pelos novos amigos, leu pela primeira vez *O Manifesto Comunista* de Karl Marx e Engels; naquele momento, viu-se diante dos princípios do materialismo histórico e dialético, da luta de classes, da doutrina da mais-valia e da teoria da evolução socialista. Eneida, então, filiou-se ao Partido Comunista.

A primeira vez que li *O Manifesto Comunista* de Marx e Engels, fui tomada de um entusiasmo tão grande que cada uma de suas palavras repercutia profundamente dentro de mim, e acordava tarde da noite, para repetir mentalmente certas frases. O que ontem me parecia tão difícil, caía em mim como uma bênção. Aquêles dois homens diziam, numa linguagem especial, tudo o que eu queria saber, eu sentia, sem saber definir-me (ENEIDA, 1989, p. 274).

Peço licença e desculpas ao leitor, primeiramente para interromper a narrativa da trajetória de Eneida, e segundo por não trazer a crônica completa, ainda que a mesma tenha contribuído na reconstituição de sua trajetória. Mas, mesmo incompleta, ela nos permite compreender os pontos que foram abordados nas aulas.

Durante o inverno a sala era tão úmida, tão fria que enregelava mãos e obrigava os pés a manter um constante sapateado; no verão a sala era quente, tão quente que parecia querer matar-nos sufocadas a qualquer momento.

Os dias – no inverno como no verão – se arrastavam pesados, longos, sem monotonia, pois nossa constante preocupação era inventar formas para que eles não fossem parecidos. Enchíamos com coragem e alegria todas as horas: ginástica, estudos, conversas, cânticos, passeio. Tão pequeno o espaço que possuíamos para caminhar, e o ruído dos tamancos cortava-o, ferindo o lajedo; as saudades impressas nos olhos (ENEIDA, 1987, p.130).

[...] Éramos vinte e cinco mulheres prêsas políticas numa sala da Casa de Detenção, Pavilhão dos Primários, 1935, 1936, 1937, 1938. Quem já esqueceu o sombrio fascismo do Estado Novo com seus crimes, perseguições, assassinatos e desaparecimentos, torturas?

De um lado e de outro da sala enfileiradas, agarradas uma às outras, vinte e cinco camas. Quase prêsas ao teto alto, quatro janelas fechadas por umas tristes e negras grades. Encostadas à parede, uma grande mesa com dois bancos. Ao fundo da sala, os aparelhos sanitários. Por mais que fosse a nossa luta para mantê-los limpos desinfetados, nunca conseguíamos fugir do cheiro forte que exalavam.

Vinte e cinco mulheres, vinte e cinco camas, vinte e cinco milhões de problemas. Havia louras, negras, mulatas, morenas; de cabelos escuros e claros; de roupas caras e trajas modestos. Datilógrafas, médicas, domésticas, advogadas, mulheres intelectuais e operárias. Algumas ficavam sempre, outras passavam dias ou meses, partiam algumas vezes voltavam, outras nunca mais vinham (ENEIDA, 1987, p.132-3).



[...] Foi nessa tarde que tenho gravada na memória que ela entrou na Sala das Mulheres. Nunca esquecerei seu ar de espanto nem aqueles sapatos que haviam sido brancos. Estavam manchados de terra ou de sangue? Nunca esquecerei o vestido sujo, as mãos trêmulas, os cabelos brancos revoltos. [...] Aproximamo-nos. Tínhamos sempre o cuidado de fazer o reconhecimento e o nosso próprio interrogatório: de onde vem, que fez, por que foi prêsa, seu nome, etc. Muitos etc. [...] Um de nós adiantou-se e disse-lhe: - Eu sou comunista.

Foi êsse o grito que aquela mulher despertou. Agarrou-se à companheira, beijou-lhe o rosto e pôs-se a exclamar com grandes lágrimas descendo pelo rosto alquebrado:

- Camarada, minha camarada!

A pausa na narrativa biográfica de Eneida possibilitou primeiramente construirmos a personagem, que é narradora e personagem, com informações que não estão na crônica, mas que certamente nos permitem lê-la com outros olhos. Sigamos, agora, par as abordagens realizadas em sala de aula, em particular as injunções de gênero que o texto sugeriu.

Após a construção na narrativa coletiva e a leitura da crônica, a turma era dividida em grupos de quatro alunos, que elaboravam perguntas sobre a vida e/ou obra da autora para serem respondidas pelos demais grupos. Era nesse momento que sutilmente elaborava as minhas perguntas também, uma vez que era a mediadora.

Nessa aula em específico as injunções de gênero ganharam destaque: primeiramente, levantei a questão das escritoras no cenário paraense, que embora existissem em número expressivo, permaneciam à margem. Um sinal desse processo de invisibilização foi a maior felicidade, para os alunos, em identificar a produção dos autores homens.

Em seguida, um aluno, em tom de denúncia, chamou atenção para o fato de Eneida ter deixado aos cuidados do pai seus dois filhos. Naquele instante ecoava na sala de aula a acusação moral, que pesou no julgamento de sua produção intelectual, desmerecendo o ideal que escolheu trilhar, como se à mulher não fosse dado o direito de escolher viver aquilo que acreditava. Assim, embora estivéssemos falando da década de 1930, nota-se ainda hoje o peso moral que recai sobre as escolhas que contrariam aquilo que se espera de uma mulher, principalmente se for casada e mãe.

Tangenciamos a história oficial sobre as características do Estado Novo,



e como muitas histórias ficam de fora, e eis mais uma vez a importância do texto literário enquanto documento social. Os alunos, por sua vez, comentaram fatos corriqueiros que seus avôs mencionavam sobre antigos governos do estado do Pará; que a criminalidade era combatida com mãos de ferro; porém pouco se esclarecia sobre os métodos empregados se para manter a ordem.

A saída das mulheres do espaço privado, do ambiente doméstico, para a dupla jornada de trabalho no espaço público rendeu um profícuo diálogo, já que os próprios alunos exemplificaram com o cotidiano de suas mães, sendo essa a realidade de uma grande parcela delas. Pensar os espaços em uma perspectiva de gênero possibilitou que analisassem-se as classificações que somos levados a fazer, desde a infância, do que é “de menino” e o que pertence ao “mundo das meninas”.

No pouco tempo destinado às nossas aulas, na corrida contra o tempo, antes do “horário bater”, não foi possível diluir dicotomias, nem desconstruir a classificação dicotômica heteronormativa que nos orienta desde a infância. Porém, pude perceber a flexibilidade desse olhar a partir do relato das aulas de Educação Física, nas quais os alunos passaram a questionar a ‘divisão’ existente nas modalidades esportivas a partir do sexo biológico.

Infelizmente, no final do ano de 2013, com minha aprovação no mestrado, pedi demissão, pondo fim à minha ação extramuros. Em virtude da dinâmica da própria academia, perdi contato com os alunos, e alguns dos colegas não fazem mais parte do corpo docente, o que me impossibilitou obter informações de possíveis mudanças, no que diz respeito ao comportamento deles diante das situações que surgem em sala de aula, ou mesmo à posterior dinâmica das aulas de redação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A responsabilidade que pesa ao educador vai muito além do conteúdo programático; é a de estar em um espaço privilegiado, que possibilita despertar os alunos para perspectivas outras. Neste relato chamo atenção inicialmente para a (in) visibilidade da produção literária local, em contraposição aos cânones, ou seja, para a



desvalorização frente à literatura do eixo Sudeste/Sul. Isso se verifica facilmente nos livros didáticos, nos quais a produção literária apresentada é, na sua maior parte, de autoria de escritores que estão localizados nessas regiões.

Mas, além de privilegiar a produção de algumas regiões em detrimento de outras, observa-se também que esses cânones diferenciam a produção por gênero. Por esse motivo, escolhi expor a experiência com Eneida de Moraes inclusive destinando espaço considerável à sua biografia, produzida com as informações trazida pelos alunos para sala de aula – narrativa de uma escritora que afrontou a sociedade de sua época por acreditar em uma causa maior, da busca por uma sociedade mais democrática.

A escolha da crônica “Companheiras” também não se deu de forma aleatória. Sua leitura nos põe diante de “heroínas” que, mesmo não atendendo aos padrões dos superpoderes de Hollywood, lutaram contra um sistema opressor. Algumas delas tinham como arma a escrita, como é o caso de Eneida. Mais uma vez, portanto, enfatizo a importância do diálogo entre os estudos antropológicos e a produção literária, uma vez que retratam fragmentos de uma história que não está presente nos relatos oficiais.

A possibilidade de ter estabelecido esta dinâmica em sala de aula, com alunos do Ensino Fundamental, me fez refletir sobre a emergência de ações interdisciplinares que busquem fazer uso do espaço privilegiado de debate que são as salas de aula. Mantendo-se a cuidado de aproximar a discussão à faixa etária dos alunos, esse espaço nos permite dialogar com diferentes perspectivas teóricas.



## REFERÊNCIAS

ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. **Saias, laços e ligas: construindo imagens e lutas**. Um estudo sobre as formas de participação política e partidária das mulheres paraenses. 1990 Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém.

FERNANDES, FLORESTAN. **A função social da guerra na sociedade tupinambá**. Prefácio: Roque Barros Laraia – 3ª edição – São Paulo: Globo, 2006.

GADAMER, Hans-George. **Verdade e Método II**. São Paulo: Editora Vozes, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1978.

\_\_\_\_\_. **Obras e Vidas: o antropólogo como autor**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos Campos de Cachoeira**. 3ª Ed. Belém: Cejup, 1991. 294p. Corrigida

MARINHO, Carla Figueiredo. **ENEIDA de Moraes para mulheres, sobre mulheres, a mulher ‘Dita’: contornos da imagem do feminino em Eneida, “a escritora que veio do Pará”**. 2016. 220p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Religião e medicina popular na Amazônia: A etnografia de um romance. **Revista ANTHOPOLÓGICAS**, ano 11, volume 18 (2): 153-182, 2007. <http://www.revista.ufpe.br/revistaanthropologicas/index.php/revista/article/view/146/13>

MENEZES, Bruno de. **Batuque**. Belém: [s.n], 2005. 113p.

MORAES. Eneida de. **Aruanda – Banho de Cheiro**. Ed. Especial. Belém: CejupSecult, 1997. 306p.

MUZART. Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. In: RODRIGUES, C; BORGES, L; RAMOS, T.R.O. (Org.). **Problemas de Gênero**. (Coleção ensaios brasileiros contemporâneos) Rio de Janeiro: Furnarte, 2016. 504 p.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 20, n. 42, p.377- 391, jul./dez.2014.

SANTOS, Eunice Ferreira dos. **Eneida memória e militância política**. 1ª Ed. Belém: GEPEM, 2009.

SOUSA, Inglês de. **Contos Amazônicos**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005. 142p.

Recebido em: 23/01/2019

Aceito para publicação em: 29/04/2019

